



J. J. Vaurrien
ERA VULGARIS

Inspirado pelo álbum homônimo de **QUEENS OF THE STONE AGE**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

ERA VULGARIS
J.J. VAURRIEN

uma história inspirada por
ERA VULGARIS
QUEENS OF THE STONE AGE

SÃO PAULO, ABRIL DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY J.J. VAURRIEN
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

ERA VULGARIS

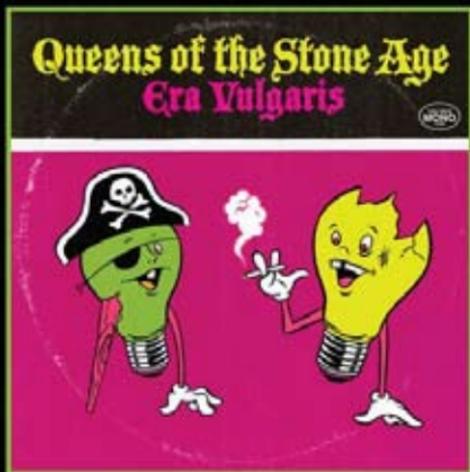
J.J. VAURRIEN

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**



ERA VULGARIS
QUEENS OF THE STONE AGE

LANÇAMENTO: **2007**
SELO: **INTERSCOPE**

**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. Turnin on the screw
2. Sick, sick, sick
3. I'm designer
4. Into the hollow
5. Misfit love
6. Battery acid
7. Make it wit chu
8. 3's & 7's
9. Suture up your future
10. River in the road
11. Run, pig, run



ERA VULGARIS

J.J. VAURRIEN

— Dez minutos. — informou o piloto ao passar por Wilson.

Por alguns segundos o mundo parou. Ficou sem reação, tudo o que viu e sentiu foram o cheiro forte de mortadela e os sapatos italianos de couro do piloto.

Pulou do assento, queria descer do avião. Gesticulava e falava, e falava coisas sem sentido. Sentiu o horror. A miséria do mundo ria um riso franco e destemido. Era o fim.

Para ele era inadmissível ir participar de um evento tão importante nestas condições. Havia deixado claro que o piloto, assim como todos envolvidos no projeto, deveriam ser praticantes, afinal, os detalhes são importantes e demonstram o quão empenhado estão os defensores da vida.

Os sintomas eram conhecidos, não suportava esse tipo de pessoa. A intolerância roia-lhe o estômago. Passava mal em estar na mesma sala com um filho da puta que colabora e financia as matanças.

— Os mesmos de sempre que ganham com a miséria e com a morte. Que matam o mundo, que o destroem.

Andou de um lado a outro do avião, se arrependia, se arrependia. Teve um mau presságio. Alguma coisa iria acontecer. Decidiu descer do avião. Depois considerou isso tudo um mal entendido. Sabia que deveria ter ido com os outros no avião de carreira, mas a vaidade, o veneno do homem, o intoxicava.

Ele sabia.

Essas crises eram trágicas e paradoxais. Despertavam sempre a besta-fera que dormia em seu âmago, ele a odiava e era sempre muito custoso conseguir domá-la. Ele que era um ser amável, amigo do mundo e dos homens, perdia as estribeiras, se entregava ao vício de odiar o bicho homem.

Distinguir para ele era uma coisa imperdoável, ia contra seus mais caros ideais de liberdade e igualdade, mas sabia que essa guerra estava perdida. Não se mudam as coisas com boicotes e cartazes. Já há muito vinha pensando em mudar sua postura. A ideia “o fim justifica os meios” vinha ganhando cada vez mais força. Não fosse sua passividade, ou antes, seu grande apreço ao amor fraternal, o radicalismo imperaria. O homem iria ter o que dá.

Wilson suave, tremia, rangia os dentes. Socava os facínoras com seus punhos cerrados. Socava os fantasmas imaginários. Os mal-feitores de sempre.

Os infinitos impulsos selvagens, primitivos, que a cada segundo leva o homem a exercer o temido dever, a crueldade, berrou um berro inconstante. Não bastasse a vida, também o homem. Teve ímpetos, mais uma vez, de descer do avião, queria invadir a cabine do piloto e tirá-lo de lá com tapas e pontapés. Desistiria do projeto. Tudo estava errado. Ainda havia o mal estar, era um mau presságio.

Três segundos bastaram para voltar a si, se recompôs.

— O mundo está morrendo... eu o salvarei! — socou o ar e os fantasmas e todas as feras bestiais.

Ainda andando de um lado a outro do avião, buscava inutilmente o centro, a paz. Essa guerra que ia consumindo o melhor de seus anos, que drenava

lentamente seu vigor e sua infinita paciência. Ia também alimentando uma fúria passiva que lhe corroía a tripa e tirava o sono.

Os grandes impérios financeiros, que sempre foram os mesmos, já haviam assimilado a nova ordem. Agora se vendia com a desculpa do politicamente correto. Nada muda. Nada nunca mudou. Boicotes e passeatas eram apenas uns parágrafos nos jornais, era necessária uma postura mais ativa. Mas não podia abandonar a ideia da paz, da ética, do bem comum.

O mundo ideal, com flores e cantos, abraços fraternais e toda eloquência do amor era cada vez mais uma idéia ingênua e distante.

Recusava a derrota. Lutaria.

Por fim, não havendo alternativa, aceitou os desígnios da vida. Voltou ao assento, se afevelou, cruzou os braços, fechou os olhos. Mais uma vez o ser passivo perdia uma batalha. Bufou.

O motor roncou. Decolaram.

Acordou assustado com os solavancos. Não sabia há quanto tempo dormia. O corpo doía. Os solavancos eram infernais. Um sobe e desce nauseante. Esticou o pescoço e olhou para trás, reconheceu os outros passageiros, estavam assustados. Não falavam. Não se mexiam. Pareciam estátuas agarradas aos assentos. Congelados. Foram minutos ou apenas segundos de turbulento

devaneio. Por alguns instantes acreditou estar sonhando. Um tranco forte o fez saltar, o estômago doeu. Verificou o cinto, ainda estava lá, firme. O avião prosseguiu subindo e descendo, tremendo, depois, saltando. Um grande estalo. O abismo.

Agarrado a alguma coisa, que o ajudou na subida, Wilson emergiu. Ainda era noite. Gritou.

Nada.

O mar estava calmo, a noite clara como o dia. Espremeu os olhos. Buscava sinal de algum destroço. Algum amigo sobrevivente. Apurou os ouvidos, fechou os olhos, apenas o mar. Gritou aterrorizado.

— Alguém... ooohhh!

Silêncio.

O corpo todo doía, ardia em contato com a água gelada. Temia serem ferimentos. Os tubarões o encontrariam. A natureza não desperdiça oportunidades, sempre que pode, exige seu quinhão.

O medo ou o frio ou ambos faziam seu corpo tremer. Poderia ser o choque. Estava em choque. Não. O que mais temia era estar ali sozinho, se os tubarões aparecessem seriam rápidos.

Gritou mais uma vez com toda as forças que conseguiu reunir. Um berro longo e desesperado. Calou-se. Esperou os tubarões. Estava só.

A manhã veio com novas esperanças. Uma energia que acreditou ter perdido reapareceu assim que avistou ao longe uma ilha. Agarrado ao assento do avião, usando como boia, Wilson nadou rápido. Não perdeu a pequena ilha de vista. Nadou com fôlego de campeão.

Uma miséria. Apenas pedras e pedras, e pássaros que ele nunca viu. Centenas de pássaros em um amontoado de pedras no meio do oceano. A ilha deveria ter uns quinze metros de comprimento e entre quatro e seis de largura. Uma serpente de pedras no meio de um deserto de sal.

Desanimado, cansado, sentou-se numa pedra.

— Ao menos os tubarões ficarão no mar.

Parecia uma destas histórias estúpidas onde o elemento sorte é uma constante. Ele não acreditou. Sorte. Afinal, sorte. Definitivamente, um excelente presságio.

Com toda aquela confusão, acabou dormindo sem tirar a blusa e desenroscar a bolsa que trazia pendurada. Dentro havia o *laptop*, uma garrafinha d'água, umas balas de gengibre, os sanduíches que preparou para comer durante a viagem, o isqueiro, relíquia dos tempos que fumava e um pequeno canivete. Os sanduíches estavam secos. Deu pulos de felicidade.

— Deus salve os inventores do plástico. — se assustou com o que disse, olhou para os lados para ver se alguém o ouviu.

— Que tolice. — sorriu.

A ração era limitada. Amaldiçoou-se por ser magro e ter baixo teor de gordura no corpo. Nunca imaginou que a vaidade o mataria.

Sentou-se na pedra. Três sanduíches de cenoura com cebola, azeite e pimenta de cheiro. Riu. Tentou se alegrar. A apatia deveria ser vencida.

— Estava precisando de férias, nada melhor. Muito ar puro, sem trânsito, e o melhor de tudo, sem pessoas. Se bem que... comida e água seriam um luxo e tanto...

A opressão resistia. Sabia que deveria se manter alerta e ativo. Precisava de metas. Resolveu mapear a ilha.

Apenas pedras e fezes de pássaros.

Construiu uma cama com a blusa, o assento do avião usou como travesseiro. Deitou-se. O assento do avião ainda estava molhado. O sol forte no céu o animou. Não havia mais nada a se fazer. Tentou lembrar de algumas piadas ou histórias engraçadas. Manter o moral nas alturas seria a meta principal.

— Pelo menos não caímos nos Andes. — riu, depois ficou decepcionado consigo mesmo.

Achou de extremo mau gosto a piadinha. Disse para si mesmo, em tom de reprimenda, enumerando todas as virtudes de um homem. Que rir da desgraça alheia era crueldade e blablablá. Um homem deve utilizar a inteligência em prol da vida e que esses subterfúgios servem apenas para os tolos acomodados que sempre sacam de suas mangas piadas inconvenientes, convencionalistas.

— Fazem isso por não terem argumentação. Sim, uma fuga. Todos eles fogem quando são espremidos, não, digo... postos contra a parede.

Por fim acabou aceitando a reprimenda, era uma lástima. Logo ele, agindo daquela maneira. Como se fosse o fim.

Sentou-se e meditou.

Há estas horas já deveriam estar preocupados com ele. Os amigos que o esperavam e as autoridades já deveriam estar procurando por ele. Como se encontrava no meio do nada, era correto imaginar que deveria estar perto de Ascensão, minúscula ilha no meio do Oceano Atlântico, descoberta em 1501 pelo navegador galego João da Nova a serviço da Coroa portuguesa. O que o mais preocupava era não saber exatamente onde, era importante saber de que lado do oceano caiu, em todo caso, estava perto de Ascensão. O itinerário do avião seria São Paulo, Brasília, Salvador. Reabasteceriam em Ascensão, de lá iria direto para Angola.

— Será que paramos em Ascensão?

Pela primeira vez pensou nos amigos que morreram.

— Que terrível desastre.

Faltavam três dias para o congresso. Agora pouca importância tinham os projetos ou saber de que lado do oceano caiu. Se antes ou depois de Ascensão. Seus amigos estavam mortos. Em poucos dias estaria ele. Lembrou-se de Sidarta. Deveria ter aprendido a passar fome e a viver no mato.

Resolveu esperar, ser sensato, racionar a comida. Não comeria nada no primeiro dia. Deveria usar sua melhor ferramenta, o cérebro. Afinal, os homens não nasceram ontem.

Bebeu pequenos goles d'água durante o dia. Resistiu às balas. A noite foi longa.

As pedras machucavam a coluna, além de serem geladas. Os pássaros resolveram usá-lo como poleiro. O vento frio, incansável. A solidão e a teimosa idéia de que iria morrer o perseguiram por toda a noite.

Acordou esgotado. Após outra excursão pela ilha, ficou desanimado, decidiu ter fé nos amigos. Comeu dois sanduíches, bebeu metade da água e mastigou três balas. Ficou deitado o dia todo. Dormiu. O sol é um bom amigo.

Outra noite terrível. Decidiu que não deveria trocar o dia pela noite. As buscas são feitas durante o dia e ele poderia chamar a atenção de algum barco que passasse por ali. Arrependeu-se de ter comido tanto, embora tenha sido animador ter o estômago cheio.

No terceiro dia, nada. Deveria ser primeiro de novembro, segundo seus cálculos. Dia do congresso. Sem barcos ou aviões, apenas os pássaros.

Os pássaros eram indiferentes a Wilson, estavam tão acostumados com a presença dele ou simplesmente não o viam como uma ameaça, o ignoravam. Faziam ninho ao seu lado, pousavam, brincavam, brigavam, dormiam. Wilson se divertia com o desprendimento dos pássaros, se sentia animado por ter sido tão calorosamente aceito por aqueles incríveis animais.

Deitado, aproveitava o sol. Lutava para não dormir. Cochilou.

— Helicóptero!

Pulou da cama dura. Os pássaros o olharam com curiosidade. Wilson ouviu um helicóptero, ou um barco. Era barulho de motor. Ao longe, entre as nuvens, viu um helicóptero. Estavam procurando por ele. Começou a balançar os braços e a gritar. Alguns pássaros se assustaram e voaram.

Esperou que o helicóptero viesse em sua direção, tomou outra. Desapareceram. Ficou feliz, enfim uma boa notícia, procuravam por ele, estavam perto de encontrá-lo. Seria resgatado.

Dois dias se passaram sem sinal de resgate. A comida havia acabado, a água

também. Restavam apenas três balas que comeria no almoço. Deitado em seu leito fazia o difícil exercício de se manter alerta.

— Um barco!

Um ponto no horizonte. Poderia ser um cargueiro ou petroleiro. Havia previsto essa possibilidade. Estava certo que conseguiria ser visto se fizesse fumaça. Tirou a calça e queimou. A calça de algodão grosso, tingido de verde, fez pouca fumaça, por isso, jogou o *laptop* no fogo. Funcionou. Uma espessa e negra fumaça subiu alto. Mesmo tão longe eles poderiam ver a fumaça.

O fogo extinguiu. A blusa, a bolsa e a garrafinha d'água foram consumidas pelas chamas. O barco continuou sua rota, no horizonte, indiferente às preces de Wilson. Após alguns minutos desapareceu.

Cometeu um erro brutal. Deveria ter esperado. Agora lhe restava pouco. Apenas o assento do avião, a camiseta, a cueca, as meias e o tênis. Por pouco não as queimou. Só teria mais uma chance. Resolveu andar para se distrair e esquecer o fracasso. Por algum tempo procurou por algas. Deu muitas voltas na ilha.

— Que boa sorte! Cair numa ilha e não encontrar cocos. — ele odiava coco.

Ficou chateado consigo mesmo. Havia preestabelecido que não pensaria em comida. Nunca! Como se tudo dependesse da força de vontade. Algumas horas depois, só pensava em comida. Que quando fosse resgatado iria primeiro no restaurante tal, depois mudou de idéia, iria a outro.

— Não! Irei aos dois. Assim não magoarei meus amigos.

Logo vieram os diálogos com Deus. Queria saber os motivos de ainda estar vivo. Por que não o havia matado de uma vez? Por que expô-lo a tanto

sofrimento? O que ele teria de provar para passar por tão cruel teste. Lamentou a sorte que teve, de ter sobrevivido.

Os dias eram longos. Como Deus nunca lhe respondeu, passou a ignorá-lo. Falava consigo mesmo. Dissertava.

— Esses aculturados. Bom mesmo se aquelas canoas tivessem afundado... desculpa do globalizado é um epíteto em outro idioma, que muitas vezes, não domina. Aí, todo bonitinho, com cara de inteligente... faz pose...

As ações auto-afirmativas, para levantar o moral, estavam perdendo o efeito estimulante. Cansado e com muita fome e sede, só conseguia pensar em comida e água. Estava começando a ter alucinações.

— Mais um dia. — era uma das ações auto-afirmativas. Adotou a técnica dos alcoólatras, logo nos primeiros dias. “Mais um dia” era o que sempre dizia a si mesmo ao acordar e sempre que se sentisse oprimido. Tentava assim, manter-se firme.

A sede e a fome o estavam matando. Não sabia se aguentaria mais um dia. Estava tão cansado e confuso. Os dias eram sempre os mesmos. Poderia ser o sétimo ou vigésimo dia que estava ali sentado, esperando. E os malditos pássaros que faziam algazarra o dia todo, a noite toda e nunca dormiam, nunca se calavam. Todas as manhãs faziam tanto barulho quando o sol nascia. Impossível viver assim, sem dormir. Passou a odiar aqueles bichos imundos e fedorentos. Gritava com eles. Xingava-os. Ainda assim, odiando, mantinha toda a violência nas palavras. Dormia pouco, mesmo durante o dia, os poucos cochilos que tirava não bastavam para saciar aquele cansaço que aumentava cada vez mais.

No nono dia acordou assim que o dia nasceu, com o barulho dos pássaros. Estava exausto e com muita raiva. Um pássaro mais atrevido resolveu bicá-lo. Os pássaros não o respeitavam.

Uma ideia abominável passou por sua cabeça. Sem pensar, sem hesitar, tão rápido quanto um gato, chutou o bicho que rolou pelo terreno rochoso. Num salto espetacular, acrobático, se pôs de pé. Abriu o canivete e o enterrou no peito do albatroz que mais surpreso do que assustado sentiu o golpe quase mortal.

— Oh, Deus! O que acabo de fazer!

As mãos vermelhas tremiam. Jogou o canivete no chão. Caiu de joelho, se arrependia, se arrependia. Chorou um choro sentido e sem lágrimas.

Por muitas horas a ave agonizou. Um suplício sem fim, mais para ele que não teve coragem de terminar com o sofrimento de ambos. Restou apenas velar e rezar pela pobre ave que morria. Esperou. Pensou muitas vezes em pegar o canivete e terminar com todo aquele sofrimento. Tremia. Não teve coragem.

Uma pequena missa, rezada com muito apuro e centenas de desculpas e choros sem lágrimas. Enterrou a ave. Um amontoado de pedras no meio da ilha. Rezou de joelhos o resto do dia, por sua fraqueza e adornou com muitas pedras a sepultura da ave cruelmente assassinada.

Fraco e debilitado. Jogou a toalha. Deitou-se para morrer. Dormiu.

Acordou e praguejou por ainda estar vivo. Por uns segundos se calou, via ao longe um barco. Um veleiro. Vinha em sua direção. Tinha certeza de que o barco vinha em sua direção. Ainda deitado fechou os olhos e por longo tempo se manteve assim. Ao abrir os olhos, sorriu. O barco ainda estava lá, agora mais perto.

Pulou da cama, quase caiu. Cambaleando, tirou a camisa e ateou fogo no assento do avião. A fumaça subiu alto e desta vez, tinha certeza, conseguiu chamar a atenção. O veleiro vinha vindo tão ligeiro e direto, não havia dúvidas. Vinha em sua direção. Finalmente a paz e a felicidade. A salvação era certa.

Uma euforia tamanha o tomou. Não sentiu o cansaço ou a fraqueza. Pulava e gritava, balançando os braços e correndo pela ilhota. Ia de um lado a outro gritando, pulando, cambaleando, tropeçando no túmulo da ave. Então caiu, bateu a cabeça numa pedra e morreu.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br